

ARGÈNE
LUPIN





MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN

E OS
ENIGMAS

Tradução
Antônio Meurer e
Luciene Ribeiro
dos Santos



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
*L'Homme à la peau de bique / Le cabochon
d'émeraude / Le mystère de tapisserie volée /
Le Coffre-fort de madame Imbert*

Texto
Maurice Leblanc

Tradução
Antônio Meurer
Luciene Ribeiro dos Santos

Preparação
Tuca Dantas

Revisão
Cleusa S. Quadros

Produção editorial
Ciranda Cultural

Diagramação
Linea Editora

Design de capa
Ciranda Cultural

Imagens
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;
Elena Iargina/shutterstock.com;
linabob/shutterstock.com;
Malashkos/shutterstock.com;
alex74/shutterstock.com;
ntnt/shutterstock.com;
allskvor/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a	Leblanc, Maurice
	Arsène Lupin e os enigmas / Maurice Leblanc; traduzido por Luciene Ribeiro dos Santos e Antônio Meurer. - Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2021.
	96 p. : 15,50cm x 22,60cm. - (Arsène Lupin)
	ISBN: 978-65-5552-553-3
	1. Literatura francesa. 2. Mistério. 3. Investigação. 4. Suspense. I. Santos, Luciene Ribeiro. II. Meurer, Antônio III. Título.
2021-0019	CDD 843 CDU 821.133.1-3

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura Francesa : Ficção 843
2. Literatura Francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2021

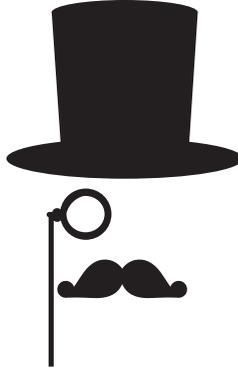
www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

O anel de esmeralda.....	7
O homem da pele de cabra.....	28
O mistério da tapeçaria furtada.....	47
O cofre de Madame Imbert.....	77



O ANEL DE ESMERALDA

**TRADUÇÃO:
ANTÔNIO MEURER**

– É fantástico, minha cara, Olga! A senhora fala dele como se o conhecesse de verdade.

A princesa Olga sorria para suas amigas, que fumavam, amontoadas ao seu redor naquela noite.

Ela continuou a lhes dizer:

- Claro que sim! Eu o conheço.
- A senhora conhece Arsène Lupin?
- Perfeitamente!
- É verdade, então?

– Ao menos conheci alguém que se divertiu fingindo ser um detetive da Agência Barnett e Associados. Hoje, sei que Jim Barnett, bem como todos os funcionários de sua agência de investigação eram, na realidade, Arsène Lupin. Assim...

– Mas ele roubou a senhora?

– Muito pelo contrário! Ele me fez um favor.

– Deve ter sido uma grande aventura!

– De modo algum! Foi uma conversa tranquila, cerca de meia hora, sem nenhum grande drama. Porém, durante esses trinta minutos, tive a impressão de que me encontrava diante de um personagem verdadeiramente extraordinário, que possuía, às vezes, um modo de agir muito simples, mas ao mesmo tempo desconcertante.

Suas amigas encheram-na de perguntas; porém, ela não as respondeu de imediato. Era uma mulher que falava pouco de si, sua vida era misteriosa, até mesmo para seus amigos mais íntimos. Ela havia amado alguém após a morte de seu marido? Havia sucumbido à paixão de um entre os tantos homens que se atraíam por sua ardente beleza, por seus cabelos louros e seus olhos azuis? As más línguas diziam que ela possuía certas fantasias, embora dissessem que na maioria das vezes era fruto de uma curiosidade e não de amor. Porém, no fundo ninguém sabia nada. Nenhum nome poderia ser citado. Naquele dia,

estava ela mais expansiva do que de costume. Erguendo um pouco seu véu, ela disse:

– Bem, por que não contaria a vocês sobre essa conversa? Mesmo falando sobre outra pessoa nessa história, o papel que ela desempenhou não me obriga a guardar silêncio. Falarei sobre isso, aliás, muito brevemente, pois sei que estão interessadas apenas por Arsène. Então, nessa época, e para resumir a aventura em uma frase para que todas vocês compreendam aquilo que significou, eu sucumbi a um amor violento e sincero – tenho o direito de empregar essas palavras – por um homem, cujo sobrenome vocês conhecem muito bem: Maxime Dervinol.

As amigas de Olga deram um sobressalto.

– Maxime Dervinol? O filho do banqueiro?

– Sim – disse ela.

– O filho daquele banqueiro vigarista, falsificador, que se enforcou no cárcere, no dia seguinte à sua prisão?

– Sim – repetiu a princesa Olga, muito calmamente.

E depois de ter refletido por um instante, ela continuou:

– Por ser cliente do banqueiro Dervinol, eu fui uma de suas principais vítimas. Pouco tempo após o suicídio de seu pai, Maxime, o qual eu já conhecia, veio ver-me. Rico por seu próprio trabalho, ele se propôs a pagar todos os credores e pediu-me apenas alguns arranjos, que o obrigava a vir até minha

casa algumas vezes. Confesso que sempre tive uma simpatia por ele. Maxime possuía uma extrema dignidade para comigo. O ato de probidade pelo qual estava lutando parecia-lhe ser muito natural, e embora não manifestasse nenhum constrangimento, como se a infâmia de seu pai não pudesse alcançá-lo, sentia nele um sofrimento infinito, uma ferida secreta, que até a menor palavra era capaz de provocar dor.

“Eu o acolhi como um amigo, um amigo que não tardou em se apaixonar, embora ele jamais tenha feito alusão a esse amor, o qual eu via aumentar a cada dia. Se não fosse a ruína de seu pai, certamente ele teria me pedido em casamento. Porém, ele não ousou mais do que havia ousado em declarar, nem mesmo me interrogou a respeito de meus próprios sentimentos. O que teria respondido, caso ele perguntasse? Eu não sei.

Um dia, almoçamos no bosque. Depois, ele me seguiu até este mesmo salão onde estamos agora. Estava preocupado. Eu pus minha bolsa sobre o aparador ao lado, junto com todos os meus anéis e fui tocar as músicas russas que ele tanto amava no piano. Ele escutava atrás de mim, imaginei que estivesse tomado de emoção. Quando me levantei, eu o vi pálido e pensei que elealaria algo. Enquanto o observava, e confesso que isso estava me inquietando, fui até o aparador e com um gesto distraído comecei a recolocar meus anéis. De repente, parei e sussurrei, muito mais para encurtar uma

situação embaraçosa que para expressar meu espanto sobre um fato banal:

– Céus, onde está o meu anel de esmeralda?

Percebi que ele tremia. Então, falou:

– O seu anel com aquela bela esmeralda?

– Sim, aquele anel de esmeralda que o senhor tanta aprecia
– disse-lhe, embora não houvesse nenhum pensamento oculto em mim, por trás dessas palavras.

– Mas a senhora estava com ele nos dedos, agora no almoço.

– Sim, de fato estava! Porém, nunca toco piano com os meus anéis. Eu o tirei, e o coloquei sobre este aparador junto com os outros.

– O anel deve estar lá ainda.

– Ele não está.

Percebi que sua palidez aumentava, e que permanecia numa atitude rígida, com uma expressão tão atordoada que terminei zombando:

– Ah, tudo bem! O que fazer? Isso não tem importância. Ele deve ter caído em algum lugar.

– Mas nós o veríamos! – disse ele.

– Não. Talvez tenha rolado para debaixo de algum móvel.

Eu estendi o braço até o botão de uma campainha elétrica, porém ele agarrou meu pulso e disse num tom sobressaltado:

– Um segundo. Precisamos esperar mais um pouco... O que fará?

– Ia chamar a camareira.

– Por quê?

– Para procurar o anel.

– Não, não! Eu não quero! De modo algum!

E tremendo, com o rosto contraído, ele me disse:

– Ninguém entrará aqui, nem mesmo eu ou a senhora sairemos até que a esmeralda seja encontrada.

– Para encontrá-la, é preciso procurar! Olhe atrás do piano!

– Não!

– Por quê?

– Eu não sei... Eu não sei... Mas tudo isso é terrível demais.

– Não há nada de terrível – disse-lhe. – Meu anel caiu. É preciso apenas que procuremos! Vamos!

– Eu lhe suplico... – disse ele.

– Mas por qual razão? Explique-se!

– Céus – disse ele, receando em falar. – Se eu o encontrar em algum canto, a senhora poderá pensar que fui quem o pegou.

Eu fiquei perplexa ao ouvir aquilo, então disse em voz baixa:

– Mas eu não estou desconfiando de você, Maxime!

– Ainda não... Porém, mais tarde, a senhora conseguirá evitar a dúvida?

Eu então compreendi seu pensamento. O filho do banqueiro Dervinol tinha o direito de ser mais sensível e temeroso do que qualquer outro nessa circunstância. Se minha razão contrariava a ofensa de uma acusação, como poderia não conseguir lembrar-me se ele esteve entre mim e o aparrador, enquanto eu tocava piano? E, nesse instante, quando nos olhamos profundamente, por que não me espantei com sua palidez e sua angústia? Um outro teria rido em seu lugar. Por que ele não ria?

– Você está enganado, Maxime – disse-lhe. – Porém, vejo um escrúpulo de sua parte, que devo respeitar. Fique onde está, não se mexa.

Eu me abaixei, e olhei entre o piano e a parede, e embaixo da escrivaninha. Depois levantei-me.

– Nada! Eu não vi nada.

Ele estava calado. Seu rosto estava descomposto.

Então, sob a inspiração de uma ideia, eu disse:

– O senhor me deixará agir? Penso que poderíamos...

– Oh! – exclamou ele. – Faça todo o possível para descobrir a verdade. Mas esta é uma decisão séria – acrescentou ele, de modo um pouco pueril. – Um ato imprudente poderia colocar tudo a perder. Aja apenas com a certeza!

Eu o tranquilizei, e após ter consultado a lista telefônica, solicitei à telefonista que me transferisse para a Agência Barnett

e Associados. Foi o próprio senhor Jim Barnett quem me atendeu. Sem lhe dar a menor explicação, eu insisti para que viesse sem demora. Ele me prometeu que viria imediatamente.

A partir de então, de um lado começou uma espera, e de outro, uma agitação que não conseguíamos reprimir.

– Foi um dos meus amigos quem me recomendou este tal de Barnett – disse-lhe com um sorriso nervoso. – Parece ser um tipo estranho, enfiado dentro de uma velha casaca, utilizando uma peruca, porém muito inteligente. Somente, devemos ter cuidado, pois ao que parece, ele se paga diretamente com os serviços que presta.

Estava tentando brincar um pouco. Maxime continuava imóvel e sério. De repente, ressoou a campainha do vestíbulo. Quase que imediatamente minha camareira bateu na porta. Ainda exaltada, eu mesma a abri, dizendo:

– Entre, senhor Barnett... Seja bem-vindo!

Fiquei confusa ao ver que o homem que entrava não tinha nada daquilo que eu esperava. Estava vestido com uma elegância discreta. Era jovem, com uma aparência simpática e até confortável, como se nada pudesse pegá-lo desprevenido. Olhou para mim um pouco mais do que o tempo necessário, demonstrando que eu não lhe desagradava. Quando o exame terminou, ele fez uma mesura e disse:

– O senhor Barnett está muito ocupado, por isso me incumbiu com a agradável missão de o substituir, caso esta mudança não lhe aborreça. Permita-me que me apresente: barão de Enneris, explorador, e, quando a ocasião se faz presente, detetive amador. Meu amigo Barnett reconheceu em mim certa qualidade para a intuição e clarividência, as quais divirto-me em cultivar.

Ele disse isso com tanto charme e com um sorriso tão contagiante que me foi impossível recusar sua assistência. Não era um detetive que me propunha seus serviços, mas um homem do mundo que se colocava a minha disposição. E essa impressão foi tão forte dentro de mim que, ao acender instintivamente um cigarro, algo que era um hábito meu, fiz um ato impensável ao lhe oferecer um, dizendo:

– O senhor fuma?

Então, um minuto após a chegada do homem desconhecido, estávamos os dois, um diante do outro, com um cigarro na boca. A cena em si fez com que minha agitação diminuísse, parecendo trazer uma calma para a sala. Apenas Dervinol continuava acuado. Então eu o apresentei:

– Senhor Maxime Dervinol.

O barão de Enneris o saudou, porém havia algo em seus gestos que me fizera crer que esse nome, Dervinol, lhe evocava alguma lembrança. Contudo, depois de um tempo, como